

**MULHER-XAMÃ ENTRE *TSADDIK* E *QUIMBOISEUSE*: A INTERFACE ANTRO-  
POÉTICA NA OBRA SCHWARZ-BARTIANA (CICLO  
ANTILHANO/ASQUENAZISTA)<sup>1</sup>**

**FEMME-CHAMANE ENTRE ‘*TSADDIK*’ ET ‘*QUIMBOISEUSE*’: L’INTERFACE  
ANTHROPOETIQUE DANS L’ŒUVRE SCHWARZ-BARTIENNE (CYCLE  
ANTILLAIS / ASHKENAZE)<sup>2</sup>**

**BETWEEN ‘*TSADDIK*’ AND ‘*QUIMBOISEUSE*’: THE ANTHROPOETIC  
INTERFACE IN THE SCHWARZ-BART NOVELS**

Kathleen Gyssels<sup>3</sup>

Traduzido por: Daniele de França Nolasco

Revisor técnico: Dennys Silva-Reis<sup>4</sup>

« *Le nègre n’est pas une statue de sel que dissolvent les pluies* »

(Schwarz-Bart, 1972, p. 48).

## RESUMO

Nos romances de André (1928-2006) e Simone Schwarz-Bart (1938), é impossível não notar a forte impregnação de elementos antropológicos: os ritos de nascimento e de morte, o “batismo” para nomes e sobrenomes, as eleições para curandeiros e guias espirituais, etc. Além disso, nota-se um manifesto reversível entre o meio diaspórico negro (antilhano) e judeu (asquenazista). A interface antro-poética é aqui ilustrada como prova evidente de universais ultrapassando, assim, distanciamentos socioculturais e etno-religiosos. Como já mostrei em *Marrane et Marronne: la coécriture réversible d’André et Simone Schwarz-Bart* (2014), na identidade *marrane* ou criptojudia (no sentido de não praticante, não religiosa, convertida), a reversibilidade atua plenamente na esfera mágico-religiosa e em ambas as comunidades diaspóricas.

**PALAVRAS-CHAVE** Antro-poética. Diáspora. Schwarz-Bart.

## RÉSUMÉ

Dans les romans d’André (1928-2006) et de Simone Schwarz-Bart (1938), on ne peut passer à côté de la forte imprégnation d’éléments anthropologiques : les rites de la naissance et de la mort, le « baptême » par des noms et surnoms, les élections de figures de guérisseur et de guide spirituel, etc. De surcroît, il frappe qu’une réversibilité se manifeste entre le milieu diasporique noir (antillais) et juif (ashkénaze). L’interface anthropoétique est ici illustrée comme preuve manifeste d’universaux, au-delà des distances socio-culturelles et ethno-religieuses. Comme je l’ai montré dans *Marrane et Marronne : la coécriture réversible d’André et Simone Schwarz-Bart* (2014),

<sup>1</sup> Tradução do texto em língua francesa de Kathleen Gyssels. Agradeço à autora por ceder os direitos de tradução do presente artigo. O texto fonte está disponível em <http://dx.doi.org/10.17851/2238-3824.25.3.77-100>. Tradução brasileira de Daniele de França Nolasco.

<sup>2</sup> Este artigo é resultado de duas comunicações apresentadas na *École Normale Supérieure*, em Paris: “A abordagem antropológica de André Schwarz-Bart, em 8 de março de 2019, e “Entre fusão e confusão: a escrita associativa participativa nas obras dos Schwarz-Bart, em 3 de dezembro de 2019.

<sup>3</sup> **Kathleen Gyssels** é professora de literatura e cultura francófona pós-colonial pela Universidade de Antuérpia, Bélgica, membra do Instituto de estudos judaicos e conselheira da Sociedade de estudos caribenhos.

<sup>4</sup> Universidade Federal do Acre, UFAC, ORCID 0000-0002-6316-9802.

l'identité marrane ou crypto-juive (au sens de non pratiquant, non religieux, convertie), la réversibilité joue pleinement dans la sphère magico-religieuse de l'une et l'autre communauté diasporique.

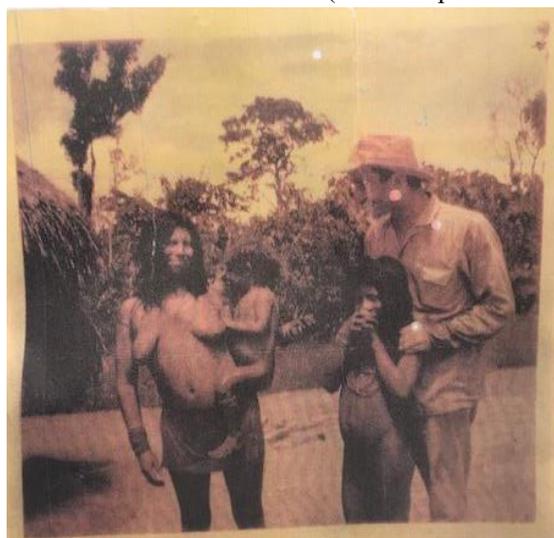
**MOTS-CLÉS :** Anthropoétique. Diaspora. Schwarz-Bart.

## ABSTRACT

In the novels of both André (1928-2006) and Simone Schwarz-Bart (1938), the anthropological elements are tantamount: from rites of passage (from birth to death), from the rites of naming to the election of spiritual guide and healer, etc. Moreover, between the Black (Antillean) and Jewish (Ashkenaze) diasporic world, a reversibility is at play. The anthropoetic interface clearly manifests the presence of universal motifs, beyond the soci-cultural and ethno-religious divergences. As I have maintained in *Marrane et Marronne: la coécriture réversible d'André et Simone Schwarz-Bart* (2014), the crypto-Jewish identity (« marrane », in the sense of being a non-religious Jew, a converted Jew) is linked to the practice of marooning in Afro-Caribbean culture in the sense that the latter is equally marked by acculturation and resistance towards European oppression. Reversibility is consequently plainly illustrated through the magico-religious sphere in both diasporic communities.

**KEYWORDS:** anthropoetics, diaspora, Schwarz-Bart.

**Figura I:** André Schwarz-Bart com os Galibi (foto com permissão de Simone Schwarz-Bart)



(Guyane, 1963, estadia na casa de Serge Patient)

Apropriando-se do termo “antro-poética” de Soline de Laveleye (2011), demonstrarei como os romances schwarz-bartianos respondem à uma dupla abordagem: a representação do universo de origem – a comunidade judaica do Leste – e a do universo adotado – a comunidade antilhana do Caribe francófono. Na verdade, André Schwarz-Bart, intercala na sua obra as contingências dos universos diaspóricos judeu e negro, entrelaçando a migração judaica e a afro-caribenha e guianense, ambas intercontinentais e milenares. Ele procura captar o sentido

da existência e expressar essa busca identitária em termos poéticos, privilegiando-os, desde o segundo romance, e transpondo-os para o universo da plantação, retratado por Simone Schwarz-Bart: os sistemas religiosos predominantes em ambas as comunidades oprimidas. Trata-se, portanto, de operar uma dupla inversão de perspectiva diaspórica: as funções *marranes* deslocam o foco sobre o personagem feminino que parece um *tsaddik* ou Justo feminino (GYSSSELS, 2012). Ao tratar sobre o Shoah e a escravidão, Schwarz-Bart se alia à sua esposa Simone para quebrar o silêncio rígido em torno dos tabus que bloqueiam a fala: o estupro e o suicídio. Consequentemente, *Télumée* parece com um *tsaddik* – um Justo ou um *lamed-vov* feminino –, o autor estava predisposto a reverter o domínio masculino tão importante no seu meio de origem, o hassidismo das *shetls* do Leste europeu. Coautor de sua mulher, poderia desenvolver a interseccionalidade antes mesmo do conceito ser teorizado por Crenshaw (1991).

## 1 TELESCOPAGEN

Frente aos dois capítulos sombrios da história francesa (mais amplamente europeia) separadas *grosso modo* de um século – a abolição da escravidão, em 1848, o pós-*Shoah*, que marca o início (mais ou menos em 1948) da literatura pós-memorial (HIRSCH, 2015) –, André Schwarz-Bart concebeu um ciclo romanesco em que diásporas negra e judia se cruzariam por meio de uma tripla interface: telescopagens espaço-temporais (*Matouba*, início do século XX, em Guadalupe e *Massada*, na história judia antiga); casais mistos (negro e judeu: Mariotte et Moritz Lévy; negro e branco: Mariotte e La Commune, um ex-presos forçado que logo desapareceu da intriga romanesca; ou ainda antilhano e africano: Mariotte e o senegalês vagamente mencionado em *Un plat de porc aux bananes vertes* (1967); e a figura do sábio, do curandeiro, que em cada comunidade é designada em função de sua personalidade, dons e resistência face ao opressor.

Na ótica multicultural e interconfessional, André Schwarz-Bart (1959) faz uma inversão de perspectiva: no universo da plantação, os papéis masculinos predominantes (*tsaddik*) são concedidos às mulheres; os romances escritos (considerados de autoria) pela sua esposa privilegiam as mulheres como protagonistas em uma relação especulativa com “heróis” do seu primeiro romance, *Le dernier des justes* (1959). Uma reversibilidade entre os dois universos à primeira vista incomparáveis se impõe como nas ações e gestos dos protagonistas (ora negro ora judeu) nos rituais. Aliás, as ficções romanescas são também etno-ficções

(segundo o conceito de Tobie Nathan [2012] que André Schwarz-Bart admira): o romancista, inserido no cruzamento de várias culturas, sabe como enfatizar aspectos interdisciplinares em sua escrita. Por exemplo, *Le dernier des justes* (1959) revela não somente as várias tradições literárias, mas ilustra o meio hassídico na zona de povoamento, da mesma forma, a obra *Pluie et vent sur Télumée Miracle* (1972) nos fornece informações sobre o meio afro-caribenho no período das plantações. Ao se aproximar desses dois mundos com uma lupa antropológica, é impossível não perceber que certos ritos e costumes, mitos e arquétipos são como duas faces reversíveis de um mesmo questionamento do indivíduo e da coletividade a respeito dos percursos e dos ciclos de vida. Respeitando as várias e significativas diferenças, ilustrarei a interface antro-poética da obra que mestiça os dois universos (campos de concentração e plantações). Se nossos autores não são profissionais do ramo, André e Simone Schwarz-Bart souberam dar embasamento antropológico às suas respectivas criações romanescas, tendo André como mestre das obras. Foi o que constatou Roger e Héliane Toumson (1979) na entrevista com os Schwarz-Bart no lançamento de *Pluie et vent sur Télumée Miracle* (1972). Os Toumson destacam a dimensão “enciclopédica” do primeiro romance de Simone Schwarz-Bart: “[No prólogo de *Pluie et vent sur Télumée Miracle*], três campos do pensamento e da atividade humanas são abordados: o religioso, o político e o econômico” (TOUMSON, 1979, p. 29).

A seguir, analiso um número de esquemas reversíveis que se ecoaram e se manifestaram no mundo afro-caribenho – tal como os romances que têm como universo diegético as Antilhas os descrevem – e, *reciprocamente* – eu diria até *reversivelmente* na cultura dos hassídicos – presente nos romances que têm como plano de fundo o país de origem de André Schwarz-Bart.

A Polônia ancestral, logo após precisamente o país designado pelo vocábulo *yiddishkeit* descreve em *L'Amour du Yiddish* (1984), escrita por Régine Robin-Maire (1939), apresenta muitas iconografias que correspondem aos ritos e funções comunitárias. Para um primeiro exemplo, recorro a uma obra pictórica de Philippe Ancel<sup>5</sup> para explicar minha proposta.

*Les Visages de mon peuple*, de Philippe Ancel (2008), pintor de Nancy, representa um rabino que ora enquanto segura em sua mão direita uma galinha sobre seu chapéu: no *Yom Kippour* (festa do Dia do Perdão), sacrifica-se uma galinha após tê-la rodado três vezes sobre

---

<sup>5</sup> Agradeço a Philippe Ancel por suas informações e a permissão de ilustrar este artigo com várias de suas telas (em anexo está a carta assinada e datada de 23 de abril de 2020).

sua cabeça. Em uma cerimônia vodú que assisti em Porto Príncipe, durante um colóquio (em 2004, com a presença de d'Edwidge Danticat e vários outros pesquisadores e colegas), vi exatamente o mesmo ritual. Em outras palavras, e como bem observaram alguns antropólogos, certos ritos análogos também são refletidos em outros cultos. Sendo assim, tanto o culto xamânico como o culto judaico conhecem o ritual da embriaguez (OBADIA, 2017).

## 2 *TSADDIK / QUIMBOISEUSE*

Na comunidade judia, o sábio chamado *tsaddik* (ortografia variável), encontra sua dupla no universo da plantação, na figura do *quimboiseur*. Os autores inventam personagens em constante contato com o além (GYSSSELS, 1996). Indissociável das culturas diaspóricas, o significado dos sonhos premonitórios traz a mesma figura autoritária do sábio. Télumée, certamente, é a melhor ilustração de uma sábia que deve sua alcunha à sua função espiritual, aquela que conforta os deserdados de Fond-Zombi, lhes servindo de guia teológica: ela cuida dos animais, das crianças e dos adultos doentes; adota Sonore, órfã rejeitada, e Ange Médard, o “bobo” do vilarejo que tenta matá-la, mas a quem ela perdoa pelo ato insensato. Mulher que faz milagres, ela receberá um “título” glorioso: Télumée Miracle. Por ser a última Lougandor, tem-se a impressão de que ela seja “prima de primeiro grau” do “último Lévy”.

A eleição do *tsaddik* no mundo hassídico, ou da *quimboiseuse*, em seu inverso caribenho, é um objeto de iniciação ou ritual muito forte: a escolha de um novo nome. Os leitores de *Pluie et vent* se lembrarão que Télumée recebe um nome que honra sua resistência: “*Miracle*”. Assim, temos novamente um possível reflexo entre o universo judeu – onde “Justo” é uma coroação titular – e o universo negro.

Segundo Jean Duvignaud (1977), esses batismos se observam tanto nas sociedades ditas primitivas, quanto nas civilizadas, e são acompanhados de importantes ritos de passagem, como as cerimônias de nomeação. Diante disso, Paul-Henri Stahl (1978) menciona que na Bucovine (região romana de onde se originam Aaron Appelfeld [1932-2018] e Paul Celan [1920-1970]) a criança judia recebe um nome de animal para afastar a má sorte: Urso, Lobo, etc. Temos aqui mais uma especulação que eu chamo de reversibilidade na atribuição de um duplo nome para proteger o indivíduo que se manifesta no meio judeu e negro, respectivamente. Com efeito, isso acontece da mesma forma para a cidade de Fond-Zombi, duplo cenário de *Pluie et vent sur Télumée Miracle* (1972) e *Ti Jean L'Horizon* (1979). O nome equivale à uma

consagração do indivíduo pela comunidade: “Miracle” é a designação dada à Télumée após ela ter triunfado, primeiramente, sobre o senhor e a senhora Desaragne e, em seguida, sobre Ange Médard. Quando a *béké*, a senhora Desaragne, lhe pergunta seu nome, Télumée responde fazendo menção à mulher que a criou: Reine sans nom, também um nome de batismo. Télumée é chamada, sucessivamente, de Man Tétèle, Libellule, Résolu (SCHWARZ-BART, 1972, p.142). Para o historiador Nathaniel Wachtel (2013), essa prática do nome se perpetuou como “fé de lembrança” no Brasil, onde os judeus se estabeleceram desde o século XVI:

[...] enquanto as práticas rituais e o conteúdo propriamente religioso do judaísmo de desvanece, a consciência identitária é acompanhada em Fernando de Medina por um significado ainda maior da ideia de “nação”, que de repente se torna secularizada, enraíza-se na memória coletiva e envolve apenas obrigações morais: fidelidade aos ancestrais, solidariedade com os membros da diáspora marrane e veneração do “nome natural que nos foi dado quando nascemos”, isto é, o nome judeu conferido por uma história concebida como natural. Assim que a fé em Deus é apagada, a fé religiosa se transforma em fé de lembrança (WACHTEL, 2013, p.143-144).

Dotada de um novo nome, de um nome codificado que faz dela uma “eleita”, postura que a narradora, no entanto, recusa a aceitar, Télumée, agora, Man Tétèle (vocábulo sagrado como “Mambo” no vodu), será consultada pelos mais pobres e maltrapilhos de Fond-Zombi.

### 3 CONSULTAS MÁGICAS, RITUAIS EXPIATÓRIOS, O “BANHO INICIÁTICO”

Em *Pluie et vent sur Télumée Miracle* (1972), a bruxaria está no centro da crise identitária da protagonista. Desde a puberdade, Télumée prevê o futuro ao escutar histórias de terror e descobre a carência de figuras simbólicas, ancestrais. Ela observa que no seio da comunidade de Fond-Zombi, certos indivíduos deveriam aliviar os sofrimentos tanto físicos quanto psíquicos de seus semelhantes. Adulta, abandonada por Elie, tendo resistido à tentativa de estupro pelo senhor Desaragne, Télumée será iniciada nos saberes ocultos de Man Cia. A aprendizagem começa pela escuta de contos, momento em que Télumée se aprofunda no mistério de sua origem: o tráfico negreiro e a escravidão. Ademais, ela acompanha Reine sans Nom até a casa da *quimboiseuse* Man Cia, que pratica banhos com folhas e ervas destinadas à cura, o chamado “banho iniciático”. Man Cia sabe interpretar sonhos e transmitirá seu dom à Télumée que, sob seu feitiço (no sentido estrito), será eleita curandeira: para “*hâler [la vie] des hauts fonds*” e “*remonter [la vie] sur terre*” (SCHWARZ-BART, 1972, p. 217) é preciso,

primeiramente, transparência e confiança mútua. Télumée e Amboise (seu segundo marido) acabam confiando naquilo que, muitas vezes, escondiam de si mesmos: o conflito identitário, o intolerável sofrimento e a constante laceração. Mesmo não pretendendo ter a visão ou o poder de curar, Télumée se vê escolhida como curandeira, semelhante à Mardochée Lévy em *Le dernier des justes*, que conciliou “*la vie conjugale du malade, son travail, ses enfants, sa vache, sa poule*” (SCHWARZ-BART, 1959, p. 30). A última Lougandor (nome da genealogia a qual Talumée Miracle faz parte) irá curar as chagas e cuidar das feridas visíveis e invisíveis:

Mes yeux étaient deux miroirs dépolis et qui ne reflétaient plus rien. Mais lorsqu'on m'amena des vaches écumantes, le garrot gonflé de croûtes noires, je fis les gestes que m'avait enseignés Man Cia et l'une d'abord, puis l'autre, les bêtes reprurent goût à la vie. Le bruit courut que je savais faire et défaire, que je détenais les secrets et *sur un énorme gaspillage de salive*, on me hissa malgré moi au rang de dormeuse, de sorcière de première (SCHWARZ-BART, 1972, p.226). (grifos meus)

No universo pietista do hassidismo, o *tsaddik* (ou justo) é um milagreiro, curandeiro e vidente. Para Jean Baumgarten, o *tsaddik* alivia os sofrimentos e pode ser um simples mendigo ou um enfermo (BAUMGARTEN, 2001). Assim, em uma das várias cenas bíblicas de *Dernier des Justes*, a orelha arrancada por brutos poloneses e seu rosto *costurado* de cicatrizes (SCHWARZ-BART, 1959) tornam-se marcas de um dos 36 *lamed-vav* ou Justos do romance de André Schwarz-Bart. Aquele que é promovido a intérprete e curador é, muitas vezes, um sábio enfermo: “*Le Juste se tenait dans sa brouette, tel un cierge vivant planté dans un angle obscur de la synagogue, non loin de l'oratoire, quand il advint que le rabbin du village se trompa dans l'interprétation d'un texte sacré*”. (SCHWARZ-BART, 1959, p. 26)

Nos dois mundos, indivíduos física e psiquicamente atingidos em sua integralidade se levantam para aliviar os sofrimentos de seus pares. Na obra *L'Étoile du matin* (2009), um simples mendigo é revelado como o profeta Elias: “*autour du mendiant qui sortit, se perdit dans la nuit, et tous comprirent qu'il s'agissait du prophète Élie*” (SCHWARZ-BART, 2009, p. 40). Salientemos, de passagem, que este nome também é escolhido para o namorado de Télumée, predizendo o futuro agourento de ambos.

Outras analogias notáveis precisam ser observadas – o que não deveria nos assustar – visto o trabalho colaborativo entre o casal Schwarz-Bart: os rituais fúnebres (velório e luto), tabus e adivinhações (vodu e transe no hassidismo) exemplificam, assim, a reversibilidade e redefinem o conceito de “*authority*” e de “*heterotexto*” (STONE; THOMPSON, 2006).

Finalmente, resta o fenômeno do transe, estudado por Albert Métraux (1958) e Michel Leiris (1934) – na Abissínia, entre os *zars* –, o qual tem seu equivalente nos hassídicos, em que bebida e música contribuem para a exaltação da alma e do corpo (BAUMGARTEN, 2018 [2019]).

Figura II: *Les musiciens Klezmer* (com autorização do autor-pintor)



**Dans un monde de paix et de lumière à partager  
avec l'écho de cette musique**

**vous souhaite une heureuse année**

(ANCEL, 2012, p. 134)

Em *Pluie et vent sur Têlumée Miracle* (1972), a morte de Reine sans nom provoca a tristeza de toda cidade de Fond-Zombi: a vizinhança mantém um velório que, bizarramente, dura nove dias – exatamente a mesma duração respeitada no universo hassídico. No romance antilhano, é possível perceber incursões parecidas, tratando-se, portanto, de uma co-escrita em que a influência recíproca defende essa reversibilidade, até em cenas idênticas que se repetem em ambos os ciclos (GYSSSELS, 2014, p. 317-ss). Por exemplo, a cena em que “soldados brancos vindo em camiões caçam os cidadãos de sua terra” denuncia “não apenas (...) a antiga escravidão”, em *Ti Jean L’Horizon* (1979), mas “seus renascimentos sob todas as diversas formas” (GAMARA, 1980, p. 209). Pois, esse mesmo olhar do etnógrafo projetado nos *diola* – Bayangumay sonha com a invasão da cidade pelos fantasmas brancos; o ajuntamento dos escravizados – é a perspectiva de Haïm que, temendo a chegada dos bárbaros, antecipa, ao ver um jogo sádico de garotos poloneses, o fim iminente de seu povo, em *L’Étoile du matin* (2009). Na cena, ele observa o mergulho mortal de um pássaro o qual os garotos poloneses acabam de furar os olhos:



Puis [*l'oiseau*] s'était immobilisé, incertain, et il avait tracé des cercles en tous sens, entrecoupés d'envolées rectilignes qui le projetaient tantôt vers le haut, tantôt vers le bas, ne sachant plus s'il montait ou descendait, [...] avant de plonger dans une mare [...] comme un caillou.

Une angoisse inexprimable avait étreint l'enfant Haïm qui avait remis la flûte dans sa poche. Ce n'était pas seulement la vue de l'oiseau perdu en plein ciel.

Pour la première fois de sa vie, il s'était senti entièrement perdu sur la terre, comme l'oiseau en plein ciel et l'espace d'un instant, il ne savait pourquoi, il avait imaginé la communauté entière de Podhoretz enfoncée dans la nuit, sans nul point de repère (SCHWARZ-BART, 2009, p. 81).

Esta passagem de iluminação, de tomada de consciência de um fato crucial até então escondido, do Unheimliche, já apareceu no romance de aprendizagem da “última Lougandor”: de repente, Télumée descobre, escutando os contos da *quimboiseuse* Man Cia e Reine sans nom, o mistério de sua origem, especialmente o fato de ser descendente de escravizados. A imagem das galinhas enjauladas lhe causa uma vergonha miserável: ela se esconde na floresta e quer desaparecer do mundo:

Pour la première fois de ma vie, je sentais que l'esclavage n'était pas un pays étranger, une région lointaine d'où venaient certaines personnes très anciennes, (...). Et je songeai aux rires de certains hommes, de certaines femmes, leurs petites quintes de toux résonnaient en moi, cependant qu'une musique déchirante s'élevait dans ma poitrine (SCHWARZ-BART, 1972, p. 62).

Cego, o pássaro voa como um pião na memória de Haïm Lebke. Nos romances antilhanos, uma “*oiseau de proie*<sup>6</sup> [ave de rapina]” serve de agouro e anuncia a armadilha de um destino inevitável que luta contra o narrador schwarz-bartiano. Solitário e abatido, o pequeno Haïm Lebke parece se confundir com o “*jeune homme de Galicie* [Jovem de Galícia]” em *Le dernier des justes* (1959), que sofre tanto de síndrome do sobrevivente quanto, provavelmente, comete – nunca saberemos – suicídio. Assim como Ernie, na família Lévy, Haïm, na família Lebke, é reduzido à afasia, tanto que ele sabe que é o único sobrevivente de uma casa: não há mais ninguém com quem dialogar.

Como se virar? No universo da plantação, o mesmo papel subliminar é reservado ao tambor, que auxilia em “*considérer sa position de Nègre [sur la terre] d'un autre œil*”

---

<sup>6</sup> “Une angoisse s'empare à l'idée de la fatalité qui plane au-dessus d'eux. Oiseaux de proie, sans qu'il puisse offrir la moindre résistance” (SCHWARZ-BART, 1972, p. 41), enquanto os judeus medrosos oferecem a imagem do “corbeaux dont les ailes se heurtaient aux murs de l'impasse”, de « perdrix, rasant à chaque pas les pavés de l'impasse » (SCHWARZ-BART, 1959, p.148). O incidente insólito serve de aviso. Mais tarde, saindo do buraco, ele sabe que escapou « à travers l'œil de l'aiguille”: o sobrevivente quer acreditar no lado milagroso da vida. A mesma apreensão de ser milagroso é compreendida por Télumée e Ti Jean (na escuta de *N'goka*, o tambor das Antilhas).

(SCHWARZ-BART, 1972, p. 215). O fim da narrativa infantil mostra os protagonistas atormentados por terríveis sonhos de premonição. Eles também escapam pelo tornar-se outro – segunda modalidade, a duplicação ou a metamorfose. Nas obras *Le Procès* (1993) e *La Métamorphose* (1955) (poderosos intertextos kafkianos), o sujeito indeciso, até mesmo não-identificado, sofre uma profunda metempsicose. Na segunda obra, Grégoire Samsa acorda transformado em uma barata: a desumanização não surge apenas nos momentos de lassidão e desespero, mas também nos momentos reversíveis, elasticidade dos símbolos. Desta forma, nos momentos eufóricos, uma multidão de animais participa da bem-aventurança dos personagens. Em *Le dernier des justes* (1959), todo um bestiário acompanha ritos de passagens na vida de Ernie Lévy. Basta pensarmos na cena da festa de casamento, que o narrador situa audaciosamente após aquela elíptica, de tortura, durante a qual ele sonha com sua união física com Golda. Em plena alucinação, em um estado de semicoma, ferido pelos golpes, Ernie vê escapar, sucessivamente, de seus braços cruzados, borboletas, uma galinha, uma pomba, um galo branco com crista de rubis, um peixe, para finalmente descobrir que ele aperta “*dans ses bras une mince poignée d’herbes fanées*”. No lugar de um casamento feliz, o signo funesto anuncia a morte certa do casal (SCHWARZ-BART, 1959, p. 316).

Remanescente africana, onde as máscaras e as artes plásticas abrigam o homem-animal, o escravizado e o liberto da literatura da América Central vão sonhar com seres híbridos como o morcego, mamífero voador, ou quadrúpede temido por suas presas, o “*chien-fer* [cão pelado]” ou “*dogue de Cuba* [dogo cubano]”, treinado para caçar fugitivos. Além disso, este sonho se concretiza: a transformação é tão significativa no universo antilhano que o descendente de escravizados revive seu passado, sequela inextinguível. Ademais, é como um animal que o curandeiro imagina prestar assistência ao seu grupo ou ao seu clã ameaçado pelos de fora. Se Man Cia, por exemplo, é posicionada à categoria de “bruxa primogênita” pela comunidade, é porque a crença popular a transformou em uma bruxa capaz de se transformar em cachorro. *Morphrasée* – personagem feminina que, à noite, se metamorfoseia em um pássaro e voa para fazer magias e lançar más sortes – inspira temor e devoção; figura quimérica, ela reaparecerá em *Ti Jean L’Horizon* (1979) e em *Adieu Bogota* (2017).

O bruxo ou a bruxa desempenha um papel de primeiro plano e isso se observa tanto nas comunidades afro-diaspóricas quanto judias. A interpretação dos sonhos (CONSTANT, 2008) é universal desde o início dos tempos. O narrador schwarz-bartiano se apropria, portanto,

da postura de um “supersticioso”, aquele que, segundo Derrida (1992), é também um sobrevivente, alguém que liga o presente ao passado, o visível ao invisível.

Essa busca de constantes, de universais, de mecanismos comuns à uma condição oprimida ainda tem ainda guiado a escrita de André Schwarz-Bart quando, em seu segundo romance, publicado no pós-Goncourt, em seu próprio nome, *La Mulâtresse Solitude* (1972), relata um suicídio coletivo, também presente na cena de abertura do *Dernier des Justes* (1959) – em outras palavras, o primeiro capítulo de *Dernier des Justes* é uma reversão do último capítulo de *La Mulâtresse Solitude*. O epílogo relata a pós-explosão de Matouba, casa dinamitada onde 300 insurgentes se suicidam em um ato de fé dos marrons: melhor morrer com Louis Delgrès que se tornar novamente escravos.

O epilógador, parece projetado em sua própria cultura ao evocar os “*spectres des ruines humiliées*” (SCHWARZ-BART, 1972, s/n) de Varsóvia. Apoiando-se em uma larga documentação que permite fundir o romance histórico em uma forma mais compacta do que *Le dernier des justes* (1959), o primeiro romance sobre a marronagem guadalupense mostrou, de forma brilhante, a comunidade tribal de origem *diola*, seu deslocamento, a dificuldade de reconstituir um elo acima da escravidão e a autodestruição como uma “solução” para o todos os impasses e angústias. Cena reversível àquela que abre *Le dernier des justes* (1959) com o holocausto de York. Seja em Breslaw, Berlim ou Varsóvia, a perseguição impulsionou indivíduos, famílias, comunidades inteiras ao etnocídio.

#### **4 O ESTUPRO E A “LANCINAÇÃO GENEALÓGICA”: “POLINIZAÇÃO E CRIOLIZAÇÃO”**

No romance de aprendizagem, Télumée escapa por pouco de uma ameaça de castração. Essa violência sexual feita em mulheres é uma segunda linha vermelha entre o universo antilhano e o universo ashkénaze. Nos dois casos, o opróbrio lembra um ritual reparador similar, e no pior caso, uma adoção da criança bastarda, fruto da violência.

Durante o tráfico transatlântico, “*La Pariade*”<sup>7</sup> consistia em um estupro visto e conhecido pelo capitão do navio negreiro. Sob o domínio do Império Otomano e da rainha dos

---

<sup>7</sup> Agradeço à Tina Harpin (Universidade de Cayenne) por ter confirmado que o termo se refere ao acasalamento de pássaros, especialmente, de perdizes. A etimologia permanece obscura, mas Odile Hamot (Universidade das Antilhas) confirma, por sua vez, que ele deriva do baixo-latim e que é lícito pensar que os negros espanhóis os tivessem introduzido no arquipélago. Além disso, André Schwarz-Bart é o único romancista a empregar o termo.

cossacos, à mercê de czar, inúmeras judias foram violentadas. Desde o início dos tempos, a “crioulização” das culturas e das identidades são acompanhadas dessas violências extremas que os antropólogos evitaram. Na verdade, os contatos entre culturas e civilizações (LEIRIS, 1955) são acompanhados de cruzamentos entre os grupos étnicos.

Em *Le dernier des justes* (1959), as invasões sucessivas dos mongóis, dos cossacos, dos turcos (sob o Império Otomano) geravam descendentes que alguns homens compassivos criavam como se fossem do seu próprio sangue: tema recorrente, tratando-se, portanto, de mais uma “reversão”. Nas obras antilhanas Télumée é adotada por Reine sans nom e, da mesma forma, ela cria Sonore, uma criança abandonada por sua mãe por ser indesejada. No teatro, Marie-Ange acabará aceitando o fruto de seu ventre em *Ton beau capitaine* (1987). Nessas condições extremas de maternidade “manchada”, o aborto é mencionado com termos velados: “*Il arrive, même au flamboyant, d’arracher les boyaux dans son ventre pour le remplir de paille...*” (SCHWARZ-BART, 1972, p. 89). Grávidas, essas mulheres desonradas temiam ver seu ventre inchar. Da mesma forma, Ti Jean, criado sozinho por Egée, não sabe quem é seu genitor, e Solite, em *Ancêtre en Solitude* (2015), nunca saberá de quem é a semente.

Essa lacinação genealógica perturba até mesmo os moradores dos povoados da Zona de concentração judia: durante os *progroms* e incursões, judias sofriam o inimaginável; torturadores abriam o ventre das mulheres grávidas, matando mãe e filho em *L’Étoile du matin* (2009). Essas atrocidades nos confins da Mitteleuropa ecoam, ao mesmo tempo, no universo escravagista do Caribe à Colômbia, de Goyave à Geórgia e Alabama. Nas duas situações, é possível ver que tais barbaridades exigem rituais reparadores. Sejam judias no harém – “prometidas para a satisfação do turco” (SCHWARZ-BART, 1959, p. 19) – sejam escravas na casa grande, a mistura de grupos deu origem à diferentes fisionomias, à uma “tribo planetária”, à uma “mestiçagem universal” (SCHWARZ-BART, 2009, p. 217). O sincretismo cultural e as “novas” fisionomias que daí resultam, são um argumento ininterrupto que desmantelam toda identidade fixa: “o judeu”, “o branco”, “o negro”, “o árabe”, etc. Com efeito, o harém é comprado por homens que se casam por pena com as mães de filhos assim concebidos. Segundo Haïm Schuster, eles são santos, iluminados (SCHWARZ-BART, 2009, p. 101) por cuidar de uma infeliz que usa uma máscara “de rigidez assustadora” (SCHWARZ-BART, 2009, pp. 102-103): “*Et puis l’on se tourna vers les femmes et les filles, dont Rachel, qui demeurèrent*

---

Minha etimologia defende que o próprio autor “fabrica” este e outros termos, especialmente “Quimeras”, referindo-se às crianças concebidas durante esses estupros.

*plusieurs semaines en attente, craignant que la souillure en elles n'ait fructifié. Toutes voulaient se suicider. Une seule y parvint"* (SCHWARZ-BART, 2009, p. 101).

Em *L'Étoile du matin* (2009), a segunda vertente pode ter um título eufórico: Em “O canto de uma vida”, o narrador confessa não querer ter filhos, pois as repercussões do trauma da Shoah são tantas ao ponto de serem incuráveis. Haïm Schuster é claramente o alter ego do autor, como demonstrei no artigo de Representações recentes da *Shoah* (GYSSSELS, 2013) confirmando o peso de *Weiter leben* (2012), de Ruth Klüger. De forma analógica, pode-se compreender melhor a inibição em publicar e concluir o inacabável, pegando emprestado a voz do etnólogo que só pode atacar. Deste modo, a Polônia era um “reino” que fez da imigração judia uma política de povoamento: PO-LIN se tornava um “Eretz Israël”, porto para os judeus que vinham dos quatro cantos do globo. O narrador insiste que durante do século XII, uma cultura interpenetrava culturas existentes e tomava forma. Vários estratos de imigração judia sucederam neste país por um período que podemos considerar hospedeiro:

Les premiers immigrants juifs arrivèrent à Podhoretz vers la fin du XII<sup>ème</sup> siècle [...] Ils s'étaient battus contre Rome et venaient de l'Est, des bords de la mer Noire [...]. Après eux, ce fut la première vague de juifs allemands qui se rendait à l'invitation du roi Boleslav V, [...]. Puis vinrent les juifs espagnols [...] les juifs des steppes, les uns à face mongole, originaires du pieux royaume khazar, et les autres qui venaient de très loin dans l'espace et le temps, d'une Babylone de légende [...] Les types humains eux aussi s'étaient mêlés, enchevêtrés mais sans tout à fait se confondre. Et l'on voyait dans une même famille des visages d'Orient et des visages d'Occident et jusqu'aux cheveux blonds et aux yeux bleus de Cosaques [...] il y avait même [...] de larges bouches plates et des cheveux crépus, souvenirs très anciens de l'esclavage en Egypte, berceau du peuple juif (SCHWARZ-BART, 2009, pp. 28-30).

As “ramificações”, que Jean-Loup Amselle (2001) vê como um princípio universal através da singularidade das culturas, fazem com que a identidade roubada do dominado se polinize exatamente como a crioulização nas Antilhas se origina da mistura de diversos fenótipos, com progenituras surpreendentes em uma mesma família. Do Oriente Médio à Europa, da África ao Brasil, as três “raças” são solúveis, nos ensina a história milenar do mundo (MACAGNO, 2009 [2015]).

Ao longo dos conflitos (étnicos, religiosos e políticos), essas mestiçagens foram o lado inevitável dessas conquistas e reconquistas. Consequentemente, trata-se de *Logiques métisses* na África pré-colonial e pós-colonial, como descreveu Jean-Loup Amselle (1990), segundo o qual se desconstruiu a ideia de que a África seria racialmente pura. No entanto, o autor judeu-polonês André Schwarz-Bart não tem qualquer dificuldade em aplicar e transmitir esse *leitmotiv*

nos romances assinados por Simone Schwarz-Bart. Reversíveis, os romances schwarz-bartianos fazem um convite para uma bela reconsideração sobre migrações por entre diferentes áreas e eras.

## 5 O SUICÍDIO, PECADO E TRANSGRESSÃO NARRATIVA

Aprofundemo-nos, enfim, nesse drama “reversível” oriundo do que analisamos anteriormente. Humilhação extrema, despojo do corpo e da alma, resultam das impulsões mórbidas. Quer seja da jovem africana, que durante o *Middle Passage* tenta engolir sua língua para se sufocar dentro do barco, ou do esforço de matar a criança em seu ventre, o impulso suicida é a expressão de uma recusa de viver uma existência insuportável. *Le dernier des justes* (1959) insere várias cenas de desespero: ora, o suicídio continua sendo um tabu em ambos os universos.

Segundo Frantz Fanon (1952), se apoiando sobre a famosa obra de Émile Durkheim (1897), um negro não se suicida (FANON, 1952). Isto se aplica ao capítulo incisivo da morte voluntária de Ernie Lévy em *Le dernier des justes* (1959), após o narrador ter feito, de forma triste, o levantamento de um número alarmante de suicidas sob a ordem do nacional-socialismo:

Dès l'année 1943, c'est par dizaines et dizaines que les petits écoliers juifs d'Allemagne se portèrent candidats au suicide ; et par dizaines qu'ils y furent admis. [...] Il est admirable que dans les temps où ils enseignaient le meurtre aux écoliers aryens, les instituteurs enseignaient aux enfants juifs le suicide [...] (SCHWARZ-BART, 1959, p. 257). (grifos meus)

“Curso” o qual foram admitidos grande número de candidatas, o suicídio terá um lugar não negligenciável nos romances schwarz-bartianos: uma narrativa não acabada, intitulada *En mémoire du XX<sup>e</sup> siècle*, de Ruth Klüger (1997), abordaria a matança de personagens “cíclicos”.

Espancado e despido pelos *Pimpfe* diante da namorada, incompreendido por Mutter Judith e os seus, Ernie Lévy irá procurar sua própria “solução final” por não poder ser amado pela ariana puro sangue Ilse Bruckner. Por desespero de amor, assim como pela perseguição da Juventude Hitleriana e humilhação de seu professor, de quem recebeu o nome muito simbólico de Geek (“gek”, idiota), Ernie cumpre o ato fatal. O que o jovem garoto pretende, grupos inteiros o praticaram: isso está precisamente no *incipit* de *Le dernier des justes* (1959), em que

se evoca o holocausto em York, em 1185, pela vontade do rabino que prefere “entregar a alma” do que se converter à religião anglicana.

O suicídio entre as populações judias continua um assunto tabu. Em seus respectivos trabalhos, ambos restringiam suas pesquisas à população católica e protestante: Émile Durkheim (1897) e Maurice Halbwachs (2002) documentaram bem o fenômeno dos suicídios coletivos entre as populações ditas “civilizadas”, assim como “primitivas”, mas nenhuma palavra sobre seu próprio meio. É interessante constatar como o autor soube transgredir essa encenação da tentativa fracassada, pois ele narra em detalhes o momento em que Ernie corta os pulsos e, em seguida, salta para fora da claraboia. A tentativa é assunto de um longo capítulo e mostra uma saída “milagrosa”. Na verdade, a tentativa fracassada é interpretada por Mardochéé como sinal de bondade divina. Tendo escapado, o anjinho, ferido e sangrando é levantado pelo patriarca que agradece ao bom Deus:

Mais pense tout de même, intervint Mardochéé, pense quel miracle : car *si* je n’avais pas été retenu par la fièvre, je n’aurais pas entendu le bruit de sa chute ; et *si* Dieu ne lui avait inspiré l’idée de se jeter par la fenêtre, il aurait perdu tout son sang. De même, *si* l’hôpital de Stillenstadt l’avait accepté quoique juif, il n’aurait pu y être soigné moitié aussi bien qu’à Mayence. Et enfin, *si*... (SCHWARZ-BART, 1959, p. 241).

O acúmulo das condicionais sugere até que ponto o judeu continua a pensar no seu destino infeliz como vontade divina. Diante da ineficácia da oração, o narrador abdica. Semelhante ao autor, o alter ego fictício, a narradora (Télumée, no romance homônimo, Mariotte em *Un plat* [1972]) analisa sua depressão e diagnostica seu mal-estar. Assim, Mariotte, que se assemelha ao narrador perequiano em *Un homme qui dort* (1967), faz anotações clínicas sobre seu adormecer gradual:

Maintenant tu n’as plus de refuges. Tu as peur, tu attends que tout s’arrête, la pluie, les heures, le flot des voitures, la vie, les hommes, le monde, que tout s’écroule, les murailles, les tours, les planchers et les plafonds ; que les hommes et les femmes, les vieillards et les enfants, les chiens, les chevaux, les oiseaux, un à un, tombent à terre, paralysés, pestiférés, épileptiques [...] (PEREC, 1967, p. 131).

Vítima de uma profunda decepção amorosa, Perec conheceu, ele mesmo, a tentação do abismo (BELLOS, 2002). O mesmo espiral autodestrutivo arrasta Mariotte, cansada da vida no Buraco, para uma última fuga pelo inverno parisiense. “*Malemort* [‘quase morta’]”, sua queda na praça do Odéon significa o fim abrupto de seus Cadernos, que constituem seu diário relatando os últimos meses de sua vida em no Buraco: “*Et sous les étoiles invisibles nébuleuses*

*constellations du Chien sans parler de tout le reste fit à peine une centaine de pas que tomba dans la neige et pour le coup, se dit-elle alertée, ça y est enfin cette fois*” (SCHWARZ-BART, 1967, p. 219).

Os rituais expiatórios que deveriam afastar a má sorte não resultaram em nada. Ritos secretos e votos não estão ausentes da vida do sujeito apaixonado, não importa à qual cultura ele pertença. Cartomancia e jogos, adivinhações e consultas fazem parte da busca pela felicidade (BARTHES, 1977). Além disso, o narrador de *Le dernier des justes* (1959) lembra Schlemiel, incapaz de fazer um nó correção. Ernie corta os pulsos e torna-se como animal sacrificado, cujo sangue, lentamente, escorre até o chão. O motivo da autodestruição pode ser, como afirmou Barthes (1977), a paixão.

Ao suicídio individual, o autor acrescenta o suicídio coletivo. Na literatura antilhana, a lenda dos Tainos, que preferiram pular das rochas a se submeter aos brancos vindos para colonizá-los, ilustra bem o auto-etnocídio. Na Guiana, onde André Schwarz-Bart ficou, a triste prática conseguiu chamar sua atenção (NAVET, 2002 [2005]).

Depois da sua terrível provação, tendo escapado do pior, Ernie Lévy muda de ideia (SCHWARZ-BART, 1959, p. 227). Ele se envolve na missão de cuidar dos seus, de se ocupar do seu irmão e de seus pais e, mais tarde, de acompanhar Golda Engelbaum no comboio para Aushwitz. Ao invés de “*partir pour la vie* [‘partir para a vida’]” (como ele anuncia à Mutter Judith), Ernie Lévy se dedicará ao bem-estar de seu “clã”, sua família. Aquele ou aquela que sucumbe na depressão, mas consegue superá-la, será metamorfoseado, e isso é levado à risca por Man Cia que “*faut pas juger* [‘não se deve julgar’]”, aconselha Reine sans nom: a *morfoiséé* ou *morphrasée* – termos crioulos para o indivíduo transformado em falcão (GYSSSELS, 1996) – é uma imagem do bestiário afro-caribenho ampliado. Nós encontramos na pintura de Marc Chagall (1887-1985) e de vários artistas plásticos de origem judia, seu equivalente: galo, cabra, cavalo com simbolismos ora de fatalidades (sacrificados ou compartilhando a sorte dos homens em fuga) ora de vida.

Figura III: *La Kappara* (com permissão do pintor-autor)



(ANCEL, 2008, p. 121)

Segundo Philippe B. Ancel, em seu livro dedicado à André Schwarz-Bart, “*La Kappara*” “*c’est un reste de la croyance ancestrale qui consistait, dans les temps les plus reculés, à faire couler le sang d’un animal, le sacrifier pour faire plaisir à Dieu. Cette tradition se pratique encore, parfois pour la fête du Grand Pardon (Kippour)*” (ANCEL, 2008, p. 120). Ela evoca, por outro lado, o *Luftmensch*, que corresponde à identidade de raízes flutuantes (GOLDSCHMIDT, 1999) ou a identidade líquida, tal como define Zygmunt Bauman (2000).

## 6 CONCLUSÃO

Romances comoventes, romances em que os personagens passam por provas indescritíveis, a biografia fictícia schwarz-bartiana constrói no inferno mais escuro figuras fortes que, apesar da dor e do sofrimento, estarão em posição de liderança. Os autores não se esquivaram dos tabus do suicídio e do aborto, além da perspectiva feminina, apresentada como espelho ou reflexo invertido da figura masculina. Por essa inversão de perspectiva, o autor

masculino soube dar prioridade à voz feminina, esta que continua subalterna nas literaturas francófonas. Precursor de “*Her/Story*”, ele cede a palavra às “*Filles de Solitude*”.

**Figure IV:** Homenagem à André Schwarz-Bart (com permissão do pintor Philippe Ancel)



(ANCEL, 2016, p. 24)

## REFERÊNCIAS

AMSELLE, Jean-Loup. **Logiques métisses**. Paris: Stock, 1990.

AMSELLE, Jean-Loup. **Branchements: anthropologie de l'universalité des cultures**. Paris : Flammarion, 2001.

ANCEL, Philippe. **Les Visages de mon peuple**. Serge Domini, 2008.

ANCEL, Philippe. **Regards d'absence**. Serge Domini, 2014.

BARTHES, Roland. **Le Discours amoureux**. Paris : Seuil, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Liquid Society**. Traduction en français : Frédéric Joly. Paris : Premier Parallèle, 2000.

BAUMGARTEN, Jean. Prières, rituels et pratiques dans la société juif ashkénaze : la tradition des livres de coutumes. **Revue de l'histoire des religions**, v. 218, n. 3, p. 369-403, 2001.

Disponível sur : [https://www.persee.fr/doc/rhr\\_0035-1423\\_2001\\_num\\_218\\_3\\_995](https://www.persee.fr/doc/rhr_0035-1423_2001_num_218_3_995). Consulté le 12 oct. 2020.

BAUMGARTEN, Jean. **Prier dans les bois et les champs**. Israël Baal Shem Tov et la nature, *Tsafon*, 76 (2018), mis en ligne le 30 juin 2019, Disponible sur : <http://journals.openedition.org/tsafon/1190>. Consulté le 28 avril 2020.

BELLOS, David. **La pudeur de Georges Perec**. Poésie, n. 94, 2002, p. 39-49.

CONSTANT, Isabelle. **Le Rêve dans le roman africain et antillais**. Paris: Karthala, 2008.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. *Mapping the Margins: intersectionality, identity politics and violence against women*, **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

DERRIDA, Jacques. **Points de Suspension**. Paris: Galilée, 1992.

DUVIGNAUD, Jean. Preface. In: BASTIDE, Roger. **Art et société**. Paris: Payot, 1977.

DURKHEIM, Émile. **Le suicide** (1897). Réédition Flammarion, 2014.

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs**. Paris : Seuil, 1952.

GAMARRA, Pierre. **L'Horizon caraïbe**. Revue Europe, n° 612, p. 209, 1980.

GOLDSCHMIDT, Georges-Arthur. **La Traversée des fleuves**. Autobiographie, Paris: Seuil, 1999.

GYSSSELS, Kethleen. **Filles de Solitude**: essai sur l'identité antillaise dans les autobiographies fictives de Simone et André Schwarz-Bart. L'Harmattan : Paris, 1996.

GYSSSELS, Kethleen. **Chevauchés des Dieux**: Mambos et Hassides dans l'œuvre Schwarz-Bartienne. *Journal of Haitian Studies*, University of California, v. 18, n. 2, p. 83-97, *JSTOR*: Santa Barbara, 2012. Disponible sur : [www.jstor.org/stable/41949205](http://www.jstor.org/stable/41949205). Consulté le 12 oct. 2020.

GYSSSELS, Kethleen. **André Schwarz-Bart à Auschwitz et Jérusalem.**, v.14, n. 2, p. 16-28, Anvers: *Image & narrative*, 2013. Disponible sur : <http://www.imagesandnarrative.be> . Consulté le 12 oct. 2020.

GYSSSELS, Kethleen. **Marrane et marronne**: la co-écriture réversible d'André et de Simone Schwarz-Bart. Leyde : Brill, 2014.

HALBWACHS, Maurice. Le suicide et la religion. In: **Les causes du suicide**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002, pp. 181-219. Disponible sur: <https://www.cairn.info/les-causes-du-suicide--9782130520900-page-181.htm>. Consulté le 12 oct. 2020.

HIRSCH, Marianne. **The Generation of Post-Memory**: writing and visual culture after the holocaust. New York: Columbia University Press, 2015.

KAFKA, Franz. **La Métamorphose**. Traduction en français: Alexandre Vialatte. Original: Die Verwandlung. Galimard: Paris, 1955.

KAFKA, Franz. **Le procès**. Traduction en français: Alexandre Vialatte. Original: Der Prozess. Gallimard (Folio): Paris, 1993.

KLÜGER, Ruth. **Weiter Leben**: Eine Jugend. Göttingen: Wallstein, 1992.

KLÜGER, Ruth. **Refus de témoigner**. Traduction en français: Française Jeanne Etoré. Paris: Vivane Hamy, 1997.

LAVELEYE, Soline. **La Chambre**. In: Tétrás-Lyre, 2011. Disponible sur : <https://anthropoesie.com/blog/>. Consulté le 11 oct. 2020.

LEIRIS, Michel. **Contacts de Culture et de Civilisation en Martinique**. Paris: UNESCO, 1955.

MACAGNO, Lorenzo. **Les “trois races” sont-elles solubles dans la nation ?** v. 16., n. 2, Lusotopie, p. 173-184, 2009, publié le 01 oct. 2015. Disponible sur: <http://journals.openedition.org/lusotopie/163>. Consulté le 12 oct. 2020.

MÉTRAUX, Alfred. **Le Vaudou haïtien**. Paris: Gallimard, 1958.

NATHAN, Tobie. **L’ethno-roman**. Paris: Grasset, 2012.

NAVET, Éric. **La quête de la « Terre sans mal » chez les peuples traditionnel : l’exemple des Tupi-Guarani (Amérique du Sud)**. Le Portique, 10 (2002), publié le 06 juin 2005. Disponible sur: <http://journals.openedition.org/leportique/149>. Consulté le 12 oct. 2020.

OBADIA, Lionel. **Une « ivresse rituelle » ? Ethnographie croisée de rites alcoolisés, entre chamanisme asiatique et judaïsme européen (Népal - France), Civilisations**, 2017/1, n° 66, p. 91-104. Disponible sur: <https://journals.openedition.org/civilisations/4380> .Consulté le 12 oct. 2020.

PEREC, Georges. **Un homme qui dort**. Paris: Denoël, 1967.

ROBIN-MAIRE, Régine. **L’amour du Yiddish: écriture juive et sentiment de la langue (1830-1930)**. Paris, Ed. Du Sorbier, 1984.

STONE, Marjorie.; THOMPSON, Judith. **Literary Couplings: writing couples, collaborators and the construction of authorship**. Madison: University of Wisconsin Press, 2006.

SCHWARZ-BART, André. **Le dernier des justes**. Paris: Seuil, 1959.

SCHWARZ-BART, André. **La mulâtresse solitude**. Paris: Seuil, 1972.

SCHWARZ-BART, André. **L’étoile du matin**. Paris: Seuil, 2009.

SCHWARZ-BART, André. & Simone. **Un plat de porc aux bananes vertes**. Paris: Seuil, 1967.

SCHWARZ-BART, André. & Simone. **L'ancêtre en solitude**. Paris: Seuil, 2015.

SCHWARZ-BART, André. & Simone. **Adieu Bogota**. Paris: Seuil, 2017.

SCHWARZ-BART, Simone. **Pluie et vent sur Télumée Miracle**. Paris: Seuil, 1972.

SCHWARZ-BART, Simone. **Ti Jean l'Horizon**. Paris: Seuil, 1979.

SCHWARZ-BART, Simone. **Ton beau capitaine**. Pièce en un acte. Paris: Seuil, 1987.

STAHL, Paul Henri. Soi-même et les autres. Quelques exemples balkaniques. *In: LÉVI-STRAUSS, Claude. (Org.). Identité*. PUF: Paris, p. 291, 1977.

TODOROV, Tzvetan. **La Peur des barbares: au-delà du choc des cultures**. Laffont: Paris, 2009.

TOUMSON, Roger. & Héliane. Entretien à bâtons rompus. **Textes, études et documents**, n. 2, p. 25-73, 1979.

WACHTEL, Nathan. **Entre Moïse et Jésus: études marranes, XVe-XXIe siècle**. Paris: CNRS, 2013.

**Enviado em: 02/05/2021**  
**Aprovado em: 08/05/2021**